

Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública
Disciplina: Segurança Alimentar e Nutricional

Projeto: Implantação de uma horta em uma escola particular como ferramenta didático- pedagógica

Carolina Quintas	n°USP 9766644
Juliana K. Ban	n°USP 5154853
Suzanne Alves	n°USP 8061222

São Paulo

2016

Segurança Alimentar e Nutricional

Segurança alimentar e nutricional (SAN) significa "garantia de condições de acesso aos alimentos básicos, seguros e de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais". Este enunciado alude práticas alimentares saudáveis e a existência digna em um contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana. O conceito de SAN envolve, portanto, a qualidade dos alimentos, as condições ambientais para a produção, o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população.

São Paulo

2016

Sumário

1. Introdução	4
2. Objetivos	8
2.2 Objetivos Gerais	8
2.2 Objetivos Específicos	8
2.3 Objetivos Educativos	9
3. Materiais e Métodos	9
4. Cronograma	13
5. Fontes de Financiamento	13
6. Resultados Esperados	14
7. Referências Bibliográficas	14

1. INTRODUÇÃO:

Na Constituição de 1988, a saúde foi instituída como um direito, garantido mediante políticas sociais e econômicas. Ao ser compreendida como resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho e transporte, emprego e lazer, liberdade, posse da terra e acesso aos serviços de saúde, impôs a integração de um conjunto de políticas públicas implementadas por diferentes setores de governo. De igual modo, através de Lei Orgânica de Segurança Alimentar Nutricional nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, definiu-se a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) como a “realização do direito humano a uma alimentação saudável, acessível, de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, com base em práticas alimentares saudáveis, respeitando as diversidades culturais e sendo sustentável do ponto de vista socioeconômico e agroecológico” (BRASIL, 2006)

Nesse contexto, as estruturas de proteção social no Brasil, especialmente até meados da década de noventa, caracterizavam-se pela fragmentação institucional e pela predominância dos objetivos setoriais sobre estratégias, que viessem a alterar a distribuição dos recursos de poder. Conseqüentemente, geraram uma alocação pouco eficiente dos recursos, superposição de ações e clientela, além de limitar a construção de pactos nacionais mais amplos para o enfrentamento de problemas complexos, como saúde e SAN. Visando superar este quadro, o país vem formalizando ideários interdisciplinares e iniciativas institucionais pautadas na intersetorialidade.(BURLANDY, 2009)

O conceito de intersetorialidade foi definido por Feuerwerker e Costa (2000) *apud* Mendes e Akerman, (2007) como:

“... articulação entre sujeitos de setores sociais diversos e, portanto, de saberes, poderes e vontades diversos, para enfrentar problemas complexos. É uma nova forma de trabalhar, de governar e de construir políticas públicas que pretende possibilitar a superação da fragmentação dos conhecimentos e das estruturas sociais para produzir efeitos mais significativos na saúde da população.”

Mendes & Akerman (2007) também entendem que a intersetorialidade apresenta no campo do fazer os mesmos desafios que a interdisciplinaridade tem no campo do saber.

A interdisciplinaridade tem como estratégia a união de diferentes disciplinas em busca da compreensão e da resolução de um problema, como também, numa tentativa de restabelecer as ligações perdidas com as especializações. Nesse âmbito, as diversas disciplinas não precisam se afastar de seus conceitos e métodos para contribuir com um projeto ou com a solução de algum problema. Pelo contrário, num processo de interdisciplinar é fundamental a cooperação e intercâmbio entre as diversas áreas do conhecimento e de campos profissionais, que enriquecem a abordagem de um tema, sem privilegiar uma disciplina ou outra, pois envolve um trabalho que exige parcerias constantes. (ALACÂNTA, 2012; CRIBB, 2007; CRIBB, 2010)

Sendo a escola um espaço reconhecido como um lugar legítimo de aprendizagem, produção e construção de conhecimento, se faz necessário, cada vez mais, acompanhar as transformações contemporâneas, adotando e simultaneamente apoiando as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. É necessário, portanto, acompanhar o ritmo das mudanças que operam em todos os segmentos que compõem a sociedade, pois o mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo. (THIESEN, 2008).

Temos que, nos últimos anos, a urbanização tem diminuído as áreas onde crianças e adolescentes podem brincar livremente e, desse modo, o pátio escolar representa, para muitas deles, o único espaço aberto e seguro para desenvolverem diferentes tipos de atividades. Assim, o pátio escolar, bem como áreas anexas, podem ser muito mais do que um lugar em que os alunos ficam durante o período em que eles não estão nas salas de aula. Pode ser utilizado, também, como um espaço para processo de ensino-aprendizagem e isso pode ser um complemento do que é ensinado nas salas de aula e vice-versa (GENTIL, 2011).

Neste sentido, o pátio escolar pode ser mudado e transformado, por exemplo, em uma horta que pode tornar-se uma excelente ferramenta didático-pedagógica, quando bem planejada e conduzida. Usando a imaginação, os professores de diferentes áreas poderão utilizar a horta em aulas teóricas e práticas, facilitando o entendimento dos alunos e exercitando a interdisciplinaridade (GENTIL, 2011). O espaço da horta pedagógica é caracterizado como um local capaz de religar as crianças aos fundamentos básicos do alimento que estão produzindo, e ao mesmo tempo integra e enriquece todas as atividades escolares, pois, aborda conceitos físicos, econômicos e sociais do ecossistema em que

vivemos. Além disso, pode desenvolver nos alunos valores mais humanizados e a importância do trabalho em grupo, além de estabelecer relações saudáveis com o meio ambiente (ALCÂNTARA, 2012; GENTIL, 2011).

A horta na escola é como um laboratório vivo, que pode ser utilizada para promover pesquisas, debates e atividades de temas transversais como a questão ambiental, ecológica, alimentar e nutricional, além de estimular o trabalho pedagógico dinâmico, participativo, e interdisciplinar, se tornando uma forma de educar para o ambiente, para a alimentação e para a vida (BRASIL, 2007). Entre alimentação adequada, aceitação e a realização de melhores escolhas, existe uma grande distância, que é diminuída quando a criança acompanha a produção e o desenvolvimento do próprio alimento (MORGADO; SANTOS, 2009).

Magalhães (2003) indica que utilizar a horta escolar como estratégia para estimular o consumo de feijões, hortaliças e frutas, torna possível adequar a dieta das crianças. E as hortaliças produzidas na horta fazem muito sucesso entre os alunos, quando presentes na alimentação escolar. Já oficinas culinárias, para fazer saladas, sopas, sanduíches naturais e sucos mistos de vegetais e frutas, são estratégias eficazes para promover uma melhoria na aceitabilidade desses alimentos que costumam ser os campeões de rejeição (MAGALHÃES, 2003).

Em seu trabalho, Vieira *et al.* (2014) realizaram uma pesquisa em 93,1% dos municípios brasileiros e observaram que apenas em 37,9% dos municípios brasileiros foram realizadas ações educativas de alimentação orgânica nas escolas, com predomínio de horta escolar (67,1%). Segundo Bernadon *et al.* (2014), das 582 escolas do Distrito Federal, 37,7% possuíam horta. Das escolas sem horta, 75,2% tinham interesse na sua implantação. Nas escolas com horta, o objetivo principal da implantação do projeto foi a intenção de complementar a alimentação escolar (56,2%). E horta era utilizada como espaço educativo para promoção da alimentação saudável por 60,8% das escolas.

A implementação da horta em uma escola pode propiciar uma alteração na hábito alimentar dos alunos, reduzindo fatores de risco para doenças como obesidade e hipertensão. Em seu trabalho realizado em Fortaleza, com mais de 1000 estudantes, Burgos *et al.* (2010) evidenciaram que os escolares mais sedentários e obesos possuíam elevada porcentagem de hipertensão arterial e conseqüentemente apresentariam maior risco de desenvolver doenças na vida adulta. Assim, segundo os mesmos autores, um

maior controle sobre os hábitos alimentares e a atividade física desses escolares seria essencial para prevenir precocemente esses fatores de risco, evitando assim, o aparecimento de doenças cardiovasculares prematuras.

Segundo Gentil (2011), a horta pode ser também um local propício para trabalhar a disciplina e estimular a responsabilidade dos alunos. Quando os alunos participam das atividades relacionadas à horta, como construção dos canteiros, sementeira e manejo das plantas, eles se entusiasmam, se sentem responsáveis e executam as atividades com disciplina. Dessa forma, seria fundamental a participação direta dos alunos em todo o processo de implantação e manutenção da horta, visando integrá-la ao seu cotidiano na escola e em casa.

Vimos que, o cultivo de hortaliças no ambiente escolar pode estimular a formação e adoção de hábitos alimentares saudáveis não só pelos alunos, mas também por suas famílias e pela comunidade envolvida. Isso porque, a escola é um espaço social onde muitas pessoas convivem, aprendem e trabalham; onde estudantes e professores passam a maior parte de seu tempo. Além disso, é na escola onde programas de educação e saúde podem ter maior repercussão, beneficiando os alunos na infância e na adolescência. (GENTIL, 2011)

Conclui-se, portanto, que as práticas alimentares e hábitos saudáveis são construídos pelos indivíduos nas relações sociais que estabelecem em diferentes espaços de convivência e troca de informação. Na infância e adolescência, além da família, núcleo privilegiado para a estruturação do comportamento, o ambiente escolar é um espaço importante de socialização e de promoção de práticas alimentares saudáveis. O crescimento e desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes têm grande influência do acesso a ambientes socioculturais e afetivos, que estimulem e possibilitem o desenvolvimento de suas habilidades, bem como o alcance de seus potenciais biológicos, psicológicos e sociais. A relação que se estabelece com a alimentação é parte fundamental deste processo, e a escola pode ser um local bastante apropriado de promoção à saúde e de construção das condições para que indivíduos e comunidades possam exercer maior controle sobre sua saúde. (GENTIL, 2011)

Dessa forma, considerando todo o contexto exposto anteriormente, este trabalho foi desenvolvido como proposta de implantação de uma horta em um colégio particular, bem

como as possíveis formas de ser implementada no cotidiano dessa comunidade como ferramenta pedagógica.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivos gerais

Promover a implantação de uma horta escolar como uma estratégia didático-pedagógica, sendo um recurso facilitador do processo ensino-aprendizagem, para alunos da pré-escola ao ensino fundamental II, em uma escola particular.

2.2 Objetivos específicos

- Verificar o interesse e sensibilizar a comunidade escolar sobre a relevância da adoção da horta como ferramenta de ensino;
- Identificar onde há espaço disponível e adequado para a implantação da horta na área da escola;
- Inserir a horta como estratégia didática nas diferentes disciplinas, envolvendo a comunidade escolar na construção da horta;
- Iniciar efetivamente a horta;
- Inserir a comunidade escolar no cuidado e manutenção da horta;
- Buscar parcerias para a garantir sustentabilidade da horta;
- Reduzir a produção de lixo orgânico da escola;
- Reutilizar materiais recicláveis na escola e na comunidade;
- Realizar ações socioeducativas com a comunidade escolar;

2.3 Objetivos educativos

- Os professores deverão usar a horta para a aplicação prática dos conteúdos teóricos;
- Os alunos deverão desenvolver uma familiaridade maior com as hortaliças e seu ciclo produtivo;
- A comunidade escolar deverá ter maior conscientização ambiental, senso de solidariedade e trabalho em equipe;
- As crianças deverão desenvolver novos e melhores hábitos alimentares, com maior consumo de hortaliças;

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A escola alvo desse projeto é formada por duas unidades, a primeira que abriga os anos anteriores ao ensino fundamental (pré-escola) e anos iniciais do ensino fundamental (1º ano ao 5º ano) e a segunda unidade que abriga os anos finais do ensino fundamental (6º ano ao 9º ano) e ensino médio. Existem salas nos dois períodos (matutino e vespertino), além de grupos de treino e de reforço escolar no contra turno. Essa escola possui 215 alunos na unidade 1 e 830 alunos na unidade 2. Por causa da disponibilidade de espaço e mobilidade dos alunos, a horta ficaria alocada na Unidade 2, junto ao muro de arrimo nos fundos do colégio, em uma área que não atrapalha o deslocamento de grupos grandes (durante a entrada, intervalos e saída) e nem permite livre acesso durante todo o período.

Para a implantação da horta, serão realizadas várias etapas, sumarizadas no quadro abaixo em forma de objetivos específicos.

Objetivo específico	Estratégia	Procedimento	Recursos	Monitoramento
Verificar o interesse e sensibilizar a comunidade escolar sobre a relevância da adoção da horta como ferramenta de ensino	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto - Exibição de filmes - Rodas de Conversa 	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões pedagógicas - Apresentar o filme “ Muito Além do Peso” - Discussão sobre o filme 	<ul style="list-style-type: none"> - Equipamento audiovisual e lousa 	<ul style="list-style-type: none"> - Lista de presença - Registro em ata de reuniões
Identificar onde há espaço disponível e adequado para a implantação da horta na área da escola	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo do meio - Mapeamento e registro dos pontos potenciais 	<ul style="list-style-type: none"> - Caminhada pela área ocupada pela escola, para identificação de locais adequados para a instalação de hortas - Localização, em planta, dos locais identificados como adequados para a instalação de hortas 	<ul style="list-style-type: none"> - Prancheta, papel e canetas para registros das observações - Planta da área da escola - Câmera fotográfica 	<ul style="list-style-type: none"> - Registro fotográfico - Registro das potenciais áreas identificadas - Registro do processo de articulação das atividades
Inserir a horta como estratégia didática nas diferentes disciplinas	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar o planejamento da área da horta nas disciplinas - Tornar as aulas mais dinâmicas e lúdicas - Promover o trabalho em grupo - Trabalhar temas transversais 	<ul style="list-style-type: none"> Inserir os alunos no projeto da área, cálculo do número e tipos de mudas, distância de plantio entre elas nas aulas - Confeccionar um espantalho, enfeites e plaquinhas para a horta com os alunos da pré-escola e fundamental I - Trabalhar a coordenação motora, no manuseio de ferramentas e na colheita - Trabalhar nas disciplinas e de forma interdisciplinar (quando possível), temas como pH do solo, ciclo do carbono e nitrogênio, educação 	<ul style="list-style-type: none"> - materiais para artes (papéis, tintas, tesoura, cola; lápis de cor, etc) - ferramentas para o manuseio e manutenção da horta (pá, tesoura, regadores, etc) 	<ul style="list-style-type: none"> - Registro fotográfico

		<p>ambiental, geometria, solo, pintura e decoração</p> <p>- Utilizar o espaço da horta para outras atividades, como leitura de livros, montagem de peças de teatro</p>		
Iniciar efetivamente a horta	<p>- Planejamento da área a ser transformada em horta</p> <p>- Materiais para a estrutura física</p>	<p>- Inserir os alunos no projeto da área, cálculo do número de mudas, distância de plantio entre elas nas aulas</p> <p>- Fazer o levantamento dos materiais, mão de obra especializado que forem necessários e providenciá-los</p>	<p>- Ferramentas para o manuseio, mangueira</p> <p>- Terra, adubo e mudas</p> <p>- Bombonas, vasos e recicláveis</p>	<p>- Registro fotográfico</p> <p>- Registro em tabela para controle de presença</p>
Inserir a comunidade escolar no cuidado e manutenção da horta	- Rodízio das turmas e familiares na rega e colheita	<p>- Organizar um calendário com os dias que cada turma será responsável pela rega da horta e colheita quando for a época</p> <p>- Organizar os colaboradores da escola na manutenção</p> <p>Organizar um rodízio semanal dos familiares no cuidado, poda e manutenção das estruturas</p>	<p>- Programa de elaboração de planilhas</p> <p>- Papel e impressora para distribuição dos calendários a todos os participantes</p>	<p>- Registro em tabela de presença</p> <p>- Levantamento de faltas em regas e cuidados com a horta</p>
Buscar parcerias para a garantir sustentabilidade da horta;	<p>- Promover feiras de trocas de mudas</p> <p>- Levantamento da comunidade que pode apoiar a horta</p>	<p>- Realizar a feira junto a eventos comemorativos da própria escola, como dia das mães, dia dos pais, festa de encerramento do ano letivo, etc</p> <p>- Passeio monitorado solicitando materiais como isopor, madeira e adubo</p>	<p>- mudas de hortaliças e temperos</p> <p>- Mesas</p> <p>- Responsável pela organização</p>	- Registro em tabelas e fotos

Reduzir a produção de lixo orgânico da escola	- Montar uma composteira	- Utilizar os restos alimentares como matéria prima para compostagem	- Bombona para a montagem de uma composteira - minhocário - Pessoa capacitada para montar e manter o minhocário	- Registrar saída de lixo antes e após a montagem da composteira
Reutilizar materiais recicláveis na escola e na comunidade	- Orientar quais os materiais que poderão ser aproveitados na horta; - Solicitar e incentivar a colaboração da comunidade escolar na coleta desses materiais	- Recolher e utilizar rolos de papel higiênico como suportes para as mudas iniciais (biodegradável e adubo para as plantas); - Recolher e utilizar garrafas PET como vaso para plantar as mudas em parede (horta vertical); - Recolher e utilizar isopor de bandejas de frios como isolante térmico;	- Data-show, folders, cartazes	- Verificar se o material recolhido está adequado - Registrar as turmas que estão trazendo os materiais
Realizar ações sócio-educativas com a comunidade escolar	- Realizar encontros, oficinas culinárias e lanches coletivos com a comunidade escolar - Rodas de conversa - Apresentações de vídeos e discussão sobre o tema abordado	- Elaboração e degustação de preparações como sal de ervas, sucos, patês e saladas, entre outros, utilizando hortaliças cultivadas na horta - Reflexão sobre a origem e o caminho de todos os componentes das preparações elaboradas, seu ciclo produtivo e suas implicações	- Facilitadores para as oficinas e sessão de vídeos - Utensílios de cozinha (tábua, colher, facas, liquidificador, pirex e potes, pratos e garfos para degustação, etc) - Equipamento audiovisual	- Lista de presença - Registro fotográfico - Registro das atividades - Avaliação do processo

		- Discussão sobre temas como obesidade e a influência da alimentação		
--	--	---	--	--

4. CRONOGRAMA

2016/2017	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.
Pesquisar o interesse e sensibilizar a comunidade escolar sobre a relevância da adoção da horta como ferramenta de ensino	X						
Aplicação da horta como estratégia didático-pedagógica nas diferentes disciplinas		X	X				
Inserir a comunidade escolar no cuidado e manutenção da horta			X				
Confecção dos canteiros e dos instrumentos como pás feitas com restos de garrafas e furadores de solo com cabos de vassoura.			X	X			
Pesquisas sobre melhor época para o plantio das diversas mudas e controle do pH do solo.			X				
Plantio das primeiras mudas e acompanhamento, seguindo da confecção de uma composteira para utilizar os restos orgânicos da escola.			X	X			
Confecção do espantalho e de bancos para leitura e observação do espaço				X	X		
Buscar parcerias e financiamentos para a garantir sustentabilidade da horta						X	X

5. FONTES DE FINANCIAMENTO

A proposta é que o projeto seja, a princípio, financiado pela própria escola em sua implementação. É possível que sejam necessárias adequações estruturais da área a serem transformadas em horta, além de mudas e sementes e terra para o cultivo das hortaliças. A escola colaboraria, também, com a obtenção de alguns materiais para a elaboração de

instrumentos para a jardinagem, como pás, tesouras, regadores, etc, que serão confeccionados pelas professoras de artes junto com os alunos.

O projeto também contará com o apoio da comunidade escolar para arrecadar materiais reutilizáveis, que também fará parte da montagem da horta, como garrafas PETs de diversos tamanhos, bandejas de isopor que serão usados como vasos, e bombonas como vaso ou local de compostagem, entre outros. Com o andar do projeto, serão ampliados os contatos com outros setores da região, como lojas e moradores, para a obtenção de caixas de isopor e de madeira (pallets), que não sejam mais utilizados. Além disso, promover a troca de sementes e mudas para contribuir para que haja uma maior variedade da horta escolar.

6. RESULTADOS ESPERADOS

Com a implantação e o uso da horta nas atividades de diversas disciplinas, espera-se que as aulas sejam mais interativas e dinâmicas, despertando maior interesse dos alunos no aprendizado do conteúdo oferecido, pela aplicação prática de conteúdos teóricos.

São esperadas, também, melhoras no hábito alimentar da comunidade escolar, fruto da produção de alimentos, das oficinas e encontros culinários. Familiarização da comunidade com os vegetais produzidos na horta e com a produção do alimento. Também é esperado que ocorra maior conscientização ambiental na comunidade escolar ao reciclar materiais e confeccionar uma composteira para produzir adubo. Além disso, o desenvolvimento do senso de solidariedade, responsabilidade e do trabalho em equipe, por parte da comunidade escolar, é um resultado importante a ser alcançado.

7. REFERÊNCIAS

1. ALCÂNTARA, G.Q.; GALVÃO, D.F.; SANTOS, G.M.T.; SILVA, D.C.C.; SIQUEIRA, R.; PINTO, E.C.. A Horta Pedagógica como Ferramenta Interdisciplinar no Ensino-Aprendizagem de Geografia. In: **Seminário de Docência Universitária (SEDUNI)**, [s.l.] 2012. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/39.pdf>>, acesso em 15 de maio de 2016.
2. BERNARDON, R.; SCHMITZ, B. DE A. S.; RECINE, E. G. I., RODRIGUES, M. DE L. C. F.; GABRIEL, C. G. School Gardens in the Distrito Federal, Brazil. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 205-216, Apr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732014000200205&lng=en&nrm=iso>, acesso em 15 de maio de 2016.

3. BRASIL. Lei Orgânica de Segurança Alimentar Nutricional (Losan). Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional-SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm>

4. BRASIL. **Orientações para implantação e implementação de hortas escolares.**

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/Ministério da Educação. 2007.

Disponível em: <www.educandocomahorta.org.br>, acesso em 11 de maio de 2016.

5. BRASIL. Primeira Conferência Nacional de Segurança Alimentar. Brasília:

Conselho Nacional de Segurança Alimentar; 1994. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000300020>, acesso em 17 de maio de 2016.

6. BURGOS, M.S.; REUTER, C.P.; BURGOS, L.T.; POHL, H.H.; PAULI L.T.S.; HORTA, J.A.; RECKZIEGEL M.B.; FRANCKE, S.I.; PRÁ, D.; CAMARGO, M.. Uma análise entre índices pressóricos, obesidade e capacidade cardiorrespiratória em escolares. **Arq. Bras. Cardiol.**, São Paulo, v. 94, n. 6, p. 788-793, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2010000600012&lng=en&nrm=iso>, acesso em 16 de maio de 2016.

7. BURLANDY, L. A construção da política de segurança alimentar e nutricional no Brasil: estratégias e desafios para a promoção da intersetorialidade no âmbito federal de governo. *Centro*. 2009;24015:110. Disponível em:

<<http://scielo.br/pdf/csc/v14n3/20.pdf>>, acesso em 18 de maio de 2016.

8. CERVATO-MANCUSO, A.M.; FIORE E.G.; REDOLFI, S.C.S. **Guia de segurança alimentar e nutricional.** Barueri, SP, Manole, 2015.

9. CRIBB, S.L.S.P. A Horta Escolar como Elementos Dinamizador da Educação Ambiental e de Hábitos Alimentares Saudáveis. In: **Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.** 2007, Florianópolis. VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, 2007. Disponível em:

<<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p287.pdf>>, acesso em 14 de maio de 2016.

10. CRIBB, S.L.S.P. Contribuições da Educação Ambiental e Horta Escolar na Promoção de Melhorias ao Ensino, à Saúde e ao Ambiente. **Revista Eletônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente (REMPEC)**, v. 3, p. 42-60, Abril, 2010.

11. GENTIL, D.F.O.; SOUZA, R.A.G. Horta Escolar: um espaço didático-pedagógico. In: Congresso Brasileiro de Olericultura. In: Anais **51º Congresso Brasileiro de Olericultura**, Viçosa: ABH. 438-444, julho 2011. Disponível em: <<http://www.fca.ufam.edu.br/attachments/article/218/Horta%20Escolar%20um%20espa%C3%A7o%20did%C3%A1tico-pedag%C3%B3gico.pdf>>, acesso em 15 de maio de 2016.

12. MAGALHÃES, A. M. **A horta como estratégia de educação alimentar em creche**. 2003. 120 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

13. MENDES, R.; AKERMAN, M. Intersetorialidade: reflexões e práticas. In: FERNANDES, J. C. A.; MENDES, R.. **Promoção da saúde e gestão local**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007. p. 85-109. Disponível em: <<http://cmdss2011.org/site/wp-content/uploads/2011/07/promocao-da-saude-e-gestao-local.pdf>>, acesso em 19 de maio de 2016.

14. MORGADO, F.S; SANTOS, M.A.A. A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do Projeto Horta Viva nas escolas municipais de Florianópolis. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 5, n. 6, mar. 2009. ISSN 1807-0221. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/9531/8950>>, acesso em: 16 maio 2016.

15. THIESSEN, J.S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 39 set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010>, acesso em 14 de maio de 2016.

16. VIEIRA, T.V.; CORSO, A.C.T.; GONZALEZ-CHICA, D.. Organic food-related educational actions developed by dieticians in Brazilian municipal schools. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 27, n. 5, p. 525-535, Out. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732014000500525&lng=en&nrm=iso>, acesso em 15 de maio de 2016.